



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

RESPOSTA

ÀS

MENSAGENS

DO

RECIFE E NAZARETH

POR

JOAQUIM NABUCO



RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rua do Ouvidor 31

1890

Resposta ás Mensagens do Recife e de Nazareth

Meus caros Comprovincianos,

Tive a honra de receber as mensagens que me dirigistes chamando-me ao seio do povo Pernambucano a trabalhar pela federação na republica assim como havia trabalhado na monarchia. Somente ha dias foi-me entregue a mensagem do Recife a cujos termos faz referencia a de Nazareth recebida por mim o anno passado. É esta a explicação da longa demora de uma resposta que teria sido immediata se eu não ovesse dirigir-me conjunctamente aos dois districtos que tive a honra de representar.

Agradeço-vos com o mais profundo reconhecimento este novo testemunho de confiança, o qual mostra mais uma vez que a vossa generosidade para commigo cresce sempre na razão das difficuldades em que nos achamos reciprocamente collocados.

Tenho a mais imperiosa consciencia dos direitos que por ella adquiristes sobre mim. Conservo intacta, e hoje mais viva do que nunca, a minha aspiração autonomista. Aos dois compromissos de mi-

nha carreira publica— a emancipação do povo e a emancipação das provincias — guardo a fidelidade das obrigações moraes espontaneas. Sou entretanto forçado a pedir-vos que me dispenseis de associarme á fundação da republica, porque me considero para isso politica e moralmente improprio.

Politicamente, porque tudo que eu disse na Camara, perante vós, no *Paiz*, e, ainda o anno pasado no Rio da Prata, em preferencia da monarchia, como a fiadora idonea da autonomia das provincias e a continuadora natural da obra de 13 de Maio, foi-me dictado pela mais profunda e desassombrada convicção que um espirito sincero possa formar sobre os problemas vitaes do seu paiz. Moralmente, pela humilde parte que tive no movimento abolicionista, na semana historica de Maio, e na sustentação da monarchia duas vezes libertadora, depois do seu segundo *Alea jacta est*, ainda mais nobre e mais generoso do que o do Ypiranga.

A minha adhesão á monarchia teve quatro fortes razões, em phases historicas successivas.

Antes do movimento abolicionista eu era monarchista como liberal, por acreditar que a monarchia parlamentar com o seu systema de partidos, que mutuamente se fiscalizam e se limitam, e de responsabilidade ministerial perante as Camaras,

permittindo a acção immediata e livre de prazos da opinião no governo, era para nós um systema de garantias publicas e individuaes superior á republica presidencial, governo de um só homem, ou de um só partido, o que é talvez peor, nos povos de character ainda inconsistente e entre os quaes a independencia pessoal é uma rara excepção.

Desde a campanha da abolição em 1879, fui monarchista principalmente como abolicionista, pela razão, negativa, que a liberdade pessoal do homem deve preceder á escolha da fórmula de governo, e pela razão positiva da abstenção systematica do partido republicano, — precipitado politico das duas leis de 1871 e 1888, — que se desinteressou da abolição declarando-a um problema exclusivamente monarchico.

Ao levantar a bandeira da federação em 1885 tñve para sustentar a monarchia a razão de que sem ella, sem um eixo nacional fixo e permanente sobre o qual gyrasse o systema federal desimpedido, ver-se-hia no Brazil o perpetuo conflicto que se deu em toda a America entre o unitarismo e o federalismo e do qual resultou a destruição d'este ultimo, excepto na União Americana, que pôde sobreviver á maior guerra civil da historia causada por aquella lucta de forças. N'esse periodo a monarchia era para mim a conciliação da unidade com a autonomia.

A quarta phase da minha adhesão monarchica

data de 13 de Maio. A attitude da monarchia n'esse dia creou entre ella e a parte do abolicionismo a que eu pertencia um laço de solidariedade que no futuro, com o desenvolvimento da consciencia moral no paiz, se comprehenderá melhor do que hoje. « *É um crime toda obra feita em proveito de ingratos* », li em um escriptor Christão. Eu não tinha tanta certeza d'isso, mas tinha de que era um crime nacional a ingratição, e seria ingratição, um anno depois da lei de 13 de Maio, derribar a monarchia com o apoio da propriedade injustamente resentida. A Regente, ao assignar aquella lei, podia dizer, lembrando-se das palavras do almirante Hollandez ao afundar no seu navio: « A abolição é o unico tumulo digno da monarchia Brasileira ». Mas as nações que accitam sacrificios d'esses vibram o mais profundo de todos os golpes no seu proprio cerne moral. Propagava-se a republica fazendo os libertos dar *morras* á Princeza no quadrado das senzalas que lhes serviram de prisão, no mesmo anno em que ella os libertou. Era isto cultivar o senso moral da raça negra? E que sorte seria a do Brazil quando as raças sahidas do captiveiro sentissem que a sua liberdade estava manchada de ingratição?

Adam Smith pretende que a sorte dos escravos e dos servos foi sempre peor nas republicas do que nas monarchias. Os dois ultimos paizes de

escravos da America, os Estados-Unidos e o Brazil, a julgar pela força activa do preconceito de côr em cada um d'elles, parecem confirmar aquella regra. O mesmo principio deve estender-se ás raças apenas emergidas do captivo, e com muito maior razão n'um paiz onde a escravidão revoltada tivesse tido força para vingar-se da monarchia abatendo-a. Não ha maior paradoxo do que pretender-se que uma revolução social como a de 13 de Maio podia ficar feita n'um dia.

Destruir com o auxilio do antigo escravismo a força nacional que livrou o ultimo milhão de escravos, não seria a logica do revolver de Booth, mas não era tambem a da raça negra, que até hoje nos Estados-Unidos se mantem fiel ao partido que a libertou por saber que a abolição não resolveu senão o primeiro problema de sua côr.

N'este ultimo periodo a noção da monarchia para mim era esta: a tradição nacional posta ao serviço da criação do povo, do vasto inorganismo que só em futuras gerações tomará forma e desenvolverá vida.

Benjamin Franklin sempre que tinha um negocio importante a resolver estudava as razões *pro e contra*, escrevia-as em duas columnas defronte umas das outras, e, apagando as que se annullavam, decidia-se pelo

numero e qualidade das restantes. A isto elle chamava sua *algebra moral*. (Mignet *Vie de Franklin*, chap. IV.) Mais de uma vez, posso dizer, fiz sinceramente esse balanço mental a respeito da monarchia e sempre foi grande o saldo das razões a favor. Eu começava por inscrever alguns dos principaes argumentos da propaganda republicana na columna da monarchia, notavelmente, o da *excepção na America*.

Se não fosse o acaso de termos no Brazil o herdeiro da corôa e a singularidade d'esse principe de querer representar com o seu proprio throno o papel de Washington com o throno de Jorge III, o dominio Portuguez na America, depois de uma lucta prolongada e de sorte varia entre as diferentes capitancias e a metropole, ter-se hia fragmentado, como o Hespanhol, em diversos povos, a principio irmãos, logo rivaes, e mais tarde inimigos. Sem a acção da monarchia, antes e depois da Independencia, teriamos tido uma Republica Mineira, uma Confederação do Equador, uma Republica Rio Grandense, e outros Estados independentes, assim como do primitivo vicereinado do Perú se formaram nada menos de seis nações, e em vez da monarchia, parlamentar, civil, leiga, e popular, que tivemos, em uma só patria, o mundo teria visto em uns d'aquelles paizes o dominio dos caudilhos, em outros o do fanatismo religioso, e em

todos um ambiente politico de crueldade e de intolerancia.

A vantagem da *excepção*, porém, não parava em ter sido ella o instrumento providencial da unidade da America Portugueza no periodo volcanico da Independencia do Novo-Mundo.

Planta exotica, a monarchia tinha que manter em redor d'ella uma atmospheria de liberdade para poder existir na America, ao passo que a republica medra n'este continente em quaesquer condições internas ou externas, e resiste ao despotismo, ao desmembramento e á conquista.

Eu inscrevia, é certo, na columna republicana o argumento do *privilegio hereditario*, mas annullava o pelas vantagens que este produzia: a permanencia e portanto imparcialidade da magistratura suprema; e a defesa popular contra a olygarchia politica e o monarchismo espurio, ou caudilhismo, da America.

Senti sempre, ousou dizel-o, pelo ideal republicano a attracção magnetica do continente, mas se os corpos não podem corrigir a lei de sua propria gravitação, o espirito póde. Herbert Spencer ainda ha pouco assignalava que a regra de conducta, em moral politica, não é querer realizar um ideal absoluto, mas tel o deante de nós como um ponto fixo de modo que caminhemos sempre para

elle. Se o ideal do governo pudesse ser uma pura negação — a negação, por exemplo, da monarchia— eu teria, ha muito, sido republicano. Não ha porém ideal negativo. O ideal compõe-se de uma serie de aspirações com relação a cada povo, e essas aspirações têm uma ordem em que ser realizadas e sem a qual em vez de nos approximarmos, nos afastariamos d'aquelle ideal. Como nos Andes ha grandes espaços entre as diversas cadeias e das primeiras não se podem divisar as ultimas, tinhamos que elevar-nos muito antes de poder calcular a distancia exacta a que estavamos da cumiada do ideal republicano: a republica.

A extensão entre a nossa condição social presente e os cimos nevados daquelle ideal, pareceu-me sempre grande de mais para se aventurar sobre ella a ponte suspensa da republica. Eu preferia que continuassemos a abrir com paciencia o nosso velho caminho na rocha da tradição, do costume, e da unidade Brasileira.

Toda reforma precipitada era tempo perdido, podia importar em um desvio consideravel do verdadeiro rumo. De que servia fazer uma republica em que o ideal republicano, desprezado pelos republicanos como pura ideologia, brilhasse menos do que na tradição liberal do Imperio? Serviria sómente para desacreditar a republica, e qual seria a posição dos proprios republicanos no dia em que a forma repu-

blicana representasse aos olhos do paiz não mais uma aspiração abstracta, uma aventura generosa, um lance de futuro arriscado, porém brilhante; mas sim um conjuncto de erros, de violencias e de abusos, um jogo esteril de ambições, uma lista de nomes vulgares, uma litteratura de servilismo, a estagnação de um partido no poder, e o despotismo sem ao menos a gloria, que compensa a liberdade na imaginação das raças ambiciosas?

Nada podia ser mais doloroso para mim do que a resistencia que a minha razão oppunha á corrente que arrastava a nova geração para a republica, mas eu tinha a mais absoluta certeza de que era preciso um largo periodo de governo *para o povo* e de governo *com o povo* antes de ser possível o puro governo *do povo*.

« O caminho para o ideal republicano só póde ser a republica », dir-se-ha. De accordo, de certo ponto da estrada em deante, do ponto em que entram na marcha as raças consideradas até então inferiores, e em que os escravos e os senhores da vespera começam a formar uma só fileira democratica. D'ahi em deante o caminho para o ideal republicano é a republica, mas sómente d'ahi.

« Não se aprende a nadar sem entrar n'agua. » Tambem não se ensina ninguem a nadar atirando-o pela primeira vez no alto mar em noite de tempestade.

Para habilitar um paiz nascente a bem governar-se a si mesmo em sua maioridade, o melhor regimen será o que o fizer crescer em condições moraes e materiaes mais favoraveis e zelar mais honestamente o seu patrimonio.

« *Ninguem é livre*, disse o poeta, *senão quem conquistou a liberdade para si mesmo*. A liberdade da monarchia não era senão *tolerancia*, e não podia crear homens livres. » Eu, porém, não chamo *tolerancia* á liberdade que a monarchia creou e constituiu para ella mesma poder existir na America. Dava-se uma verdadeira compensação entre a contingencia da instituição neste continente e a incapacidade do povo de combater pelos seus direitos, e esse equilibrio permanente estava longe de matar a altivez do cidadão Brasileiro. Pelo contrario, elle sentia que a liberdade era um direito seu hereditario e perpetuo, e esse estado de espirito podia não ser, mas parecia dever ser, mais favoravel ao crescimento da democracia do que a suppressão da liberdade a titulo de salvar a republica.

Não resolvi a questão da republica para norma de minha vida politica pensando no martyrio de Tira-dentes, no centenario de 1789, na mocidade Rio Grandense de Garibaldi, na unidade exterior da America, ou na Humanidade de Augusto Comte. Não me preocupei de hombraarmos com os outros povos do Novo-Mundo. Os liberaes

de todos esses paizes sabem pela mais triste das experiencias que entre a republica e a liberdade ha espaço para os peiores despotismos, e que não existe estellionato mais commum do que republica sem democracia. Os governos Centro e Sul-Americanos, apezar dos elementos liberaes e progressistas de cada communhão, approximam-se quasi todos de algum d'estes typos: do caudilhismo, da theocracia ou da olygarchia territorial, a ultima variedade — o syndicato administrativo — não sendo um progresso, porque é a adjudicação do futuro nacional, por meio de emissões, bancos, empréstimos, concessões e privilegios, a quem offerece menos.

Havia uma razão summaria para eu attender antes ao Brazil do que ao Pan-Americanismo. Uma vez que não fossemos mais monarchia, a America deixaria de interessar-se por nós. Tendo entrado na regra commum, não sahiriamos d'ella. Perdendo territorio, scindindo-nos, ou cahindo no mais abjecto servilismo, seriamos sempre republica.

Não me era indifferente, notai bem, aquelle ponto de vista. Eu desejava que um dia completassemos a unidade exterior da fórmula Americana de governo, mas quando essa fórmula correspondendo ao nosso desenvolvimento o garantisse e ampliasse, para que não se desse comnosco a disparidade que se nota em tão grande parte da

America Latina entre a democracia effectiva e a nominal.

Em politica, nunca eu fui um *Nominalista*; não me movia a imaginação litteraria, muito menos a abstracção philosophica, mas, sim, a compaixão *concreta* pela sorte do povo.

A America Latina teve um grande momento. Desde os primeiros clarões de Buenos-Ayres em 1806 e 1807 até o sol de Ayacucho que illuminou a liberdade do Perú, ella assistiu ao desenvolvimento de um magnifico drama de liberdade cuja impressão augmenta pela grandeza do seu abrupto scenario. N'esse periodo, dominado pelas figuras de Bolivar, San Martin, Miranda, O'Higgins, a America era uma tenda de combate que ora se armava na Pampa, ora na Cordilheira, sempre com a mesma bandeira. Parecem da historia das Cruzadas as grandes marchas de Bolivar, e faz lembrar Titães escalando os céus a subida dos Andes pelo exercito de San-Martin. Cidadãos de todas essas patrias que elles iam semeando com o seu sangue pela vastidão do dominio Hespanhol, os Libertadores não calcularam que a epopéa da Independencia se converteria por tanto tempo n'uma d'essas interminaveis peças do theatro Japonez, exclusivamente compostas de matanças e de victas.

Entre esses povos todos a ordem está ganhando

terreno, os intervallos do patriotismo tornam-se frequentes, mas pôde-se dizer que a lei da America Hespanhola é ainda um só *Væ Victis*, a lei do exterminio material ou moral do adversario, e que os seus personagens ou são complices do despotismo ou *suspeitos* politicos.

Sem tradição republicana sobre que basear qual quer expectativa, porque não tinhamos nenhuma, — os nossos movimentos republicanos no passado não foram senão a forma exterior da aspiração de independencia ou de autonomia, — qual era o ponto do nosso character, da nossa constituição social, a virtude, a força, a energia, que autorisava a esperança de que seriamos como republica a excepção na America? Considerando o character civil e parlamentar do governo, a influencia da opinião pela imprensa e pela tribuna, livres e garantidas, a mais completa publicidade, a collaboração governamental das opposições, a applicação dos dinheiros publicos exclusivamente a fins publicos, a igualdade de todas as classes perante a lei, como aspirações republicanas, e quanto á estructura nacional, a autonomia dos Estados respeitada pela neutralidade e abnegação do poder central, o que é que podia alimentar em um espirito isento da superstição republicana a crença de que não atravessaríamos como republica a *via dolorosa* em que a America Latina se arrasta desfallecida?

Confesso, meus caros comprovincianos, que era exactamente a analyse das nossas condições individuaes de povo, abstrahindo das causas e origens do movimento republicano, que me fazia acceitar como se já fosse historia escripta o perfil de republica que do atrazo ou da marcha regressiva do ideal republicano em diversos paizes do Novo Mundo eu induzia para o nosso.

Fui denunciado pelos zelotas da monarchia, hoje qua i todos adherentes, como sendo um alliado da republica pelo meu programma *Abolição, Federação, Arbitramento*. Não ha duvida que as tres reformas eram todas passos para o ideal republicano, mas tambem eu nunca sustentei que a monarchia tivesse outro papel senão o de conduzir a nação áquelle ideal. Na geraçãõ presente, porém, esse conjuncto de idéas só podia consolidar a monarchia. A abolição devia fortalecel-a com o tempo no coração do povo, mas enquanto o povo não podesse protegel-a com a sua gratidão contra o odio levantado, a federação a fortaleceria no animo das provincias livres e o arbitramento na consciencia da America.

As tres idéas formavam uma só politica. A monarchia foi induzida, por medo do republicanismõ escravista, a seguir outra. D'isto não me cabe a minima responsabilidade.

A federação entretanto não lhe fez outro mal

senão o de ter servido á republica ao ser proclamada de credencial para obter o reconhecimento das provincias elevadas a Estados. Não é senão, por emquanto, um titulo, mas esse titulo teria servido mais á monarchia do que os que a fizeram distribuir. Quanto á abolição, não tenho que me justificar de a ter aconselhado. No dia 13 de Maio houve republicanos, abolicionistas sinceros, que não sabiam se era maior n'elles a alegria por ver a escravidão acabada ou a dôr de ter cabido á monarchia a gloria que elles sonhavam para legitimação absoluta da republica no campo mesmo da revolução. Eu não me preocupava da instituição, e sim do povo. «Todo o principe digno de sentar-se no throno, eu tinha dito na Camara, deve estar sempre prompto a perdel-o quando essa perda resulte do desenvolvimento que elle tiver dado á liberdade no seu reinado. »

Acabais de ver as solidas e profundas raizes, nacionaes, populares e liberaes, da minha convicção monarchica. Por isso tambem, emquanto em torno de mim os que deviam tudo á monarchia fallavam d'ella em linguagem sempre conciliavel com as contingencias do futuro, eu a defendia com a mesma altivez com que sustentei a causa dos escravos e o direito das provincias.

Convicções assim conscias do desinteresse e da pureza das suas origens não se mudam n'um

dia. Se eu vos dissesse que os acontecimentos de que temos sido espectadores desde 15 de Novembro me converteram á republica dar-vos-hia o direito de duvidar da minha sinceridade no passado e portanto no presente.

Sou obrigado n'este ponto a fazer uma rectificação ao topico da mensagem do Recife que allude a uma commissão do governo em virtude da qual eu teria que partir para o estrangeiro. Nenhuma commissão me foi offerecida, e estou certo de que se o meu nome fosse lembrado, o illustre ministro de Relações Exteriores, defronte de cuja mesa trabalhei tres annos no *Paiz*, e de quem fui obrigado a separar-me por minhas convicções monarchicas, teria apresentado uma excepção a meu favor, ou contra mim, conforme se entenda, ao juizo que o Governo Provisorio possa formar dos antigos monarchistas.

Sustentei sempre, entretanto, a necessidade de um partido republicano, mas como partido de semeadores do futuro, não de segadores do presente, e auxiliar desinteressado da monarchia, emquanto ella fosse o melhor governo possivel, ou mesmo provavel, nas condições sociaes do paiz. N'esse partido não sei se eu não mereceria tambem ser classificado, ainda que o fosse como um operario in-

consciente dos fins ulteriores de sua tarefa. Parece porém que não pôde haver em politica partidos desinteressados e que trabalhem gratuitamente pelo futuro. Nas religiões politicas são os sacerdotes, como nos templos antigos, que para conservar vivo entre o povo o culto dos principios se prestam a consumir por trás dos altares as iguarias offerecidas aos deuses.

Eu desejaria, posso dizer, que o sacrificio do throno feito a 13 de Maio em tão magnanimo espirito fosse acceto como expiação nacional da escravidão, e que a republica, desde que ella tem de ser a nossa forma definitiva de governo, ficasse-o sendo desde já.

Acreditai-me. Entre voltar atraz, a pedir soccorro para a liberdade ao principio monarchico, e seguir para deante, ainda que no meio de grandes soffrimentos, prodigalizando o nosso sangue, como o resto da America, na esperança de abater, com o ideal republicano sómente, tudo que se lhe opponha, eu quizera aconselhar-vos desde já a renunciar de uma vez todas as tradições, o systema artificial de protecção para a justiça e o direito que tivemos até hontem na monarchia, e contar sómente com o fervor e a energia crescente da consciencia democratica no paiz.

Infelizmente, meus caros comprovincianos, não posso formar idéa alguma do que vai ser a república, nem discriminar quaes são de tantas sementes espalhadas desde 15 de Novembro as que vão vingar e alastrar o nosso solo politico.

Acredito na força da cohesão nacional, e sei que o nosso povo não tem meios de resistir a nenhum governo. Isto me faz receiar mais a perda da autonomia do que a da unidade, mais a supressão da liberdade do que as revoluções. O Brazil está sendo o campo das mais vastas experiencias de cruzamento no mundo e ninguém pôde prever o resultado d'essas novas combinações humanas. O character do povo que ha de sahir da fusão de tantas raças é uma incognita tão grande como o da república que ha de resultar da lucta dos elementos heterogeneos que entraram na revolução: o ideal Americano, o espirito militar, e o resentimento escravista. Não me atrevo a tentar inductivamente a synthese d'este producto organico de uma sociedade amalgamada pela escravidão em uma nação creada e formada pela monarchia.

A república foi um facto de importancia universal. Como essa ilha do mar da Sonda cujo nome o mundo só aprendeu no dia em que uma erupção quasi a destruiu, o nome do Brazil entrou para a historia no meio do estrondo e da poeira de uma explosão longinqua. A Portugal,

á Hespanha, á Italia, a Cuba, ao Canadá, á Australia, por toda a parte, chegou a vibração circular da nossa onda vulcanica. Ha de animar o orgulho dos autores da revolução o terem assim feito historia universal, e historia, elles podem estar certos, que achará em todo tempo milhares de admiradores. Os republicanos Europeus applaudiram o acontecimento com enthusiasmo porque elle lhes deu mais um poderoso instrumento para a sua obra: a unidade republicana da America. A America, pela superstição republicana que lhe tem custado tão caro, mas que ella por nada abandonaria, applaudiu com sympathia sincera, mas não sem a ironia da experiencia. Nós, Brasileiros, temos porém que esperar algum tempo para conhecer os effeitos d'esse ultimo phenomeno da cohesão Americana sobre nossa propria nacionalidade.

Quizemos ter o nosso 89, e sem nos preocuparmos do contraste entre a copia, cujo motor social unico era o despeito da escravidão, cuja forma foi o pronunciamento e cuja singularidade era a ausencia de povo, e o original revolucionario do seculo passado, destruimos a ultima Bastilha Americana. Felizmente não se acharam dentro d'ella outros ferros senão os que alli mesmo foram partidos dos pulsos dos escravos. Comparando as duas revoluções, a social e a politica, e as duas scenas em torno d'aquelle palacio, a 13 de Maio

e a 15 de Novembro, o futuro dirá qual foi o nosso verdadeiro 89, pelo menos o mais parecido com a Declaração dos Direitos do Homem.

Nós entravamos no periodo da liquidação forçada da escravidão quando a monarchia cahiu. Estavamos na grande crise da nossa vida de nação. Como nos terremotos e conflagrações são esses os melhores momentos para os golpes ousados, porque todos só attendem á necessidade de salvar-se. Ninguem no meio de um naufragio se põe a discutir sobre o melhor modo de construir um navio insubmersivel.

Para comprehender o abandono da monarchia é necessario fazer entrar a sua queda no quadro geral de que ella fez parte, isto é, no vasto desmoronamento da antiga sociedade por effeito da abolição. Em taes épocas em que o systema da propriedade se transforma, as fortunas mudam de mãos e desaparecem umas classes para surgir outras, parece que ficam paralysadas a consciencia, a energia, e a vontade collectivas, e que nada liga ninguem a nada nem a ninguem.

Não tenho que julgar os homens e os factos da revolução, e seria inutil qualquer juizo n'este momento. Estou longe de admirar a generosidade do governo, mas tambem acredito que outros homens senhores de tudo teriam feito peor. Nunca escrevi uma palavra em politica senão para persuadir,

e sei que o paiz está resolvido a assistir com paciência, bôa vontade, e até optimismo, ás provas completas da republica para então julgal-a. Não devia por isso mesmo haver a menor sombra de compressão n'uma phase, que se pôde chamar, na phrase de um escriptor francez, a *lua de mel de toda tyrannia nascente*. Seria porém um paradoxo declarar-me eu convencido da possibilidade de uma republica liberal sómente pela suppressão de todas as liberdades. Eu sei que ellas foram suspensas com promessa de serem restituídas um anno depois mais amplas e florescentes. Mas supprimir a liberdade provisoriamente para tornal a definitiva é como a medicina que matasse o doente para resuscital-o são. A liberdade uma vez confiscada não pôde mais ser restituída integra, ainda mesmo que a augmentem; fiará sempre o medo de que ella seja supprimida outra vez e com maior facilidade. A noção da legalidade contínua recebeu um golpe de que esta geração não perderá a consciencia, e n'esse estado de panico expectante quanto maiores e mais brilhantes reformas o governo fizer mais augmentará a incerteza.

« A monarchia está morta, diz-me-hão, não podeis ser um sebastianista. »

Eu poderia responder a esses que não comprehendem que se pare um momento entre a convicção de uma vida inteira e o facto con-

sumado da vespera para reflectir desinteressadamente sobre o futuro da patria : « *Morta ! Não vos fieis só n'isso. Nós vivemos n'um seculo que Renan chamou o seculo da resurreição dos mortos. Sebastianista ? Oliveira Martins definiu o sebastianismo uma prova posthuma da nacionalidade. Eu espero nunca merecer esse titulo. »*

Eu porém não tenho que indagar se a monarchia está ou não para sempre enterrada sob este singelo epitaphio : *7 de Setembro de 1822 — 13 de Maio de 1888*. Isto não é commigo, é com a mysteriosa loteria da historia na qual o premio sae ao absurdo tanto como ao verosímil e ao imprevisto muito mais do que ao infallivel. Eu limito-me a não affirmar uma crença que ainda não tenho. •É em materia de convicções sobretudo que é verdadeiro o principio : « Só se destróe o que se substitue. » Eu não sei se não terei um dia na republica a fé de Thomé ; sinto-me porém incapaz de ter a fé de Pedro e de seguir o mestre desconhecido em um novo apostolado.

Para acreditar nella, como os Arabes para acreditar em Mahomet, eu só peço que ella faça primeiro um milagre : o de governar com a mesma liberdade que a monarchia.

O que pensarieis de mim se eu me propuzesse para fundador, ainda que anonymo, da republica, sem esperar que ella seja um progresso

moral, um estado democratico, quanto mais a meta do ideal republicano ?

Destruída a monarchia deve pertencer aos que têm fé na republica dar-lhe as melhores instituições. Organizada por antigos monarchistas, a republica seria uma lei de bancarrota votada pelos fallidos. Todos temos interesse e direitos na communhão e os republicanos não conquistaram o paiz para poderem dispor da fortuna publica como se fosse sua propria. Mas a primeira condição para bem guardar qualquer deposito é o character, e eu considero duvidosa entre as provas de character a de pretenderem organizar a republica os mesmos homens que se ella tivesse succumbido a 15 de Novembro estariam do lado dos vencedores.

Eu não sei mesmo como elles poderiam tomar a palavra perante os velhos *reduci delle patrie battaglie* e a mocidade entusiasta da Republica, e os imagino, como o constitucional Sieyès na Convenção, votando sempre nas Assembléas com os mais exaggerados com medo de parecerem *suspeitos*. Os republicanos do Deserto devem estar surpresos de encontrar na terra da Promissão essa quantidade de Chananeus que juram ter estado com elles no Mar Vermelho, no Sinai, e na passagem do Jordão.

— « Abandonais então a federação ? »

Não, de certo. Não desconheço a obrigação que me incumbe de trabalhar pela autonomia de nossa provincia, hoje chamada Estado. O programma que o anno passado sustentei perante vós não era um *modus-vivendi* para uma fôrma de governo, era o espirito da patria Pernambucana que devera animar a nova e as futuras gerações de nossa terra. A federação não exprime senão o lado nacional do problema autonomista, e sou tão autonomista, isto é tão Pernambucano, e tão federalista, isto é, tão Brasileiro, hoje como era hontem. Não é a mudança de fôrma de governo que podia alterar sentimentos sem os quaes nada restaria de nossa identidade pessoal.

A primeira questão, porém, para os Estados, do ponto de vista da sua autonomia, é a do character do poder central, isto é, de organizar um poder central capaz de respeitar lealmente o principio autonomico em quaesquer limites que o restrinjam. De outro modo, seja qual fôr a Constituição, as fronteiras dos Estados serão como o plano de Alexandria que em falta de outro meio Alexandre fez traçar no chão com farinha e que no dia seguinte as aves tinham devorado.

Devo' entretanto dizer-vos, a neutralidade e o prestigio nacional da monarchia, como governo

central, tornavam possível a federação com um sistema de garantias e defesas provinciaes muito menos desenvolvido do que me parece ser indispensavel para a protecção da autonomia na republica.

Não pretendo desinteressar-me de nenhum dever de Brasileiro ou de Pernambucano. Sempre considerei a mais singular obliteração do patriotismo a declaração do partido republicano de que nada tinha com a abolição, proclamando-a um problema só da monarchia. O patrimonio, o prestigio e o credito do Brazil, a integridade do territorio, a liberdade dos cidadãos, a autoridade da magistratura, a disciplina militar, a moralidade administrativa, não são interesses exclusivos de nenhuma forma de governo, como não é privilegio de nenhum partido o esplendor da nossa radiante natureza. Não é preciso ser republicano sob a republica, como não era preciso sob a monarchia ser monarchista, para cumprir os deveres de um bom Brasileiro. Basta ter clara a noção de que nunca se tem o direito de prejudicar a patria para prejudicar o governo.

Ha um ponto, por exemplo, que nenhum republicano tem mais a peito do que eu. Desde a abolição, vendo as resistencias apressal-a mais do que as concessões, convenci-me de que em nossa historia Deus escreve direito por linhas tortas. Das linhas de 15 de Novembro, a que eu posso decifrar

está escripta direito. Eu julgo descobrir a providencia especial que protege o nosso paiz contra a Nemesis Africana no facto de ter sido a revolução feita pelo exercito de modo que nem um instante estremeceesse a unidade nacional, e o meu mais ardente voto é que se mantenha acima de tudo a unidade do espirito militar que considero equivalente áquella.

Para mim não era objecto de duvida que no dia em que abandonassemos o principio monarchico, permanente, neutro, desinteressado, e nacional, teriamos forçosamente que substituil-o pelo elemento que offerecesse á nação o maior numero d'aquelles requisitos, e esse era exactamente o militar. A prova está ahi patente. No dia em que se fez a republica viu-se a nação pedindo o governo militar, para salvar a sua unidade, por ser o espirito militar o mesmo de um extremo ao outro do paiz, isto é nacional, e para conservar um resto da antiga tolerancia, por ser o exercito superior ás ambições pessoas em que se resume a lucta dos partidos e que sem a monarchia teriam barbarizado o paiz. Estranho como isto pareça, o governo militar é nos periodos em que o exercito se torna a unica força social e adquire consciencia d'isso, o meio de impedir o militarismo, vicio dos exercitos politicos e sem espirito militar, assim como a monarchia era o unico meio de abafar o monarchismo, que

desde o proprio Bolivar até hoje sobrevive no sangue depauperado das nações Americanas.

Ninguem mais do que eu respeitou nunca a farda do nosso soldado. Ainda o anno passado subi o Paraguay até Assumpção levado pelo desejo de fixar a minha imaginação nos proprios logares da sua gloria e de recolher vinte e tantos annos depois o bafejo immortal de patriotismo que se desprende d'aquelle immenso tumulo para vencedores e vencidos igualmente.

Por isso ninguem mais ardentemente do que eu deseja que a revolução de 15 de Novembro não atinja o unico substituto *nacional* possivel do prestigio monarchico: o militar, o qual depende antes de tudo da união das duas classes, depois da unidade da disciplina, e por ultimo de abnegação, isto é, de collocar o exercito a patria acima de toda e qualquer superstição politica, e de não abdicar a sua responsabilidade em nenhuma classe, muito menos na classe politica, exploradora de todas.

Vós, eleitores de Nazareth, me elegestes por impulso proprio dentro do mez em que a Camara annullara o meu diploma de deputado do Recife, e vós, eleitores da capital, me elegestes a 14 de Setembro de 1887 contra o ministro do Imperio, n'uma eleição que por isso influiu na sorte dos escravos, e em 1888, quando por ter sustentado o

gabinete conservador de 10 de Março entendi não poder aceitar dos meus correligionarios senão um mandato não solicitado, me elegestes ainda por uma verdadeira unanimidade moral.

Foram grandes n'essas e em outras eleições os sacrificios que fizestes para mandar-me ao Parlamento. Sómente para ter uma posição eu não teria tido a coragem de ser candidato depois de ter visto, de casa em casa de eleitor, de que soffrimentos e privações no presente e no futuro das familias pobres são feitas as victorias e as derrotas dos partidos. A classe politica parece ter contrahido na bancarrota das promessas e dos compromissos a faculdade de tornar-se insensivel deante da miseria publica. Era preciso porém, que eu representasse uma d'essas causas que cegam inteiramente os homens para os sacrificios que fazem ou que pedem, para ter disputado tantas eleições sem sentir-me culpado do mesmo criminoso egoismo.

Procurei corresponder a tanta abnegação do unico modo que me era dado, praticando a politica, sem uma excepção durante os dez annos em que exerci ou aspirei exercer o vosso mandato, como uma carreira de completa renuncia pessoal. Posso dizer que considerei a posição a que me elevastes como um fidei-commisso do povo, e não tirei d'elle o minimo proveito individual para mim, nem para outrem. A incompatibilidade que

me impuz dentro e fóra do Parlamento, no paiz e no estrangeiro, para com tudo de que a administração pudesse dispôr directa ou indirectamente, foi tão absoluta como a dos republicanos mais intransigentes. Posso portanto prestar-vos sem medo as minhas contas de representante. Se a gratidão está em dívida, a consciencia está quite.

Era intenção minha deixar que sómente os meus actos vos provassem no decurso de minha vida a sinceridade do humilde papel que desempenhei em nossa politica. Talleyrand escreve n'uma de suas cartas: « E' preciso falar a cada um em sua lingua. E' com 150.000 homens que nós falamos ás potencias do Norte, e seria preciso uma esquadra para fallar á Inglaterra». Antes de fallar ou escrever sob a republica eu queria ver se ella entendia sómente a lingua da força e a do fanatismo.

Milton durante a sua estada em Roma formou a resolução de não ser nunca o primeiro a fallar dos seus sentimentos puritanos, mas tambem de confessar a sua fé sempre que o interrogassem. Vós me interpelastes com o direito que tinheis para isto e eu vos respondi com a franqueza que vos devia.

« A grandeza das nações, disse eu aos estudantes do Rio da Prata, provem do ideal que a sua mocidade fórma nas escolas, e as humilhações que ellas soffrem da traição que o homem feito commette contra o seu ideal de joven».

Sabeis agora qual foi o meu ideal, podeis julgá-lo; conheceis a minha vida publica, podeis verificar se jamais o trahi.

Rio de Janeiro, 12 de Março de 1890.

JOAQUIM NABUCO.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).